

## À ESPERA

Edna O'Brein

*WAITING*, 1995

“Espera Henry Higgins, não perdes pela demora”, diz Eliza Doolittle, fazendo avançar a ameaça de igualdade, ou talvez até de superioridade, sobre o seu excêntrico mestre, o Professor Higgins. Toda a gente que conheço está à espera e quase toda a gente que conheço gostaria de refutar o facto, uma vez que é ligeiramente aviltante, cheira a abandono e mostra que não controlamos completamente os nossos actos. Claro que não controlamos. No seu livro sobre Jean Genet, Sartre diz: “Existir é pertencer a alguém.” Estava a falar especificamente sobre Genet, a criança órfã que sentia que nunca pertencera a ninguém e que, portanto, nunca existira. Órfãos ou não, a dor e aparente infinidade da espera começa no berço, passa por muitas mutações, assume vários disfarces, mas é tão genuína para nós como respirar. Alguns fazem-no discretamente, alguns fazem-no activamente, alguns mantêm-se tão a par das coisas que a sua determinação em não esperar é, em si mesma, uma forma de espera impaciente. Uma coisa é certa, ninguém tem orgulho nisso, excepto talvez Job.

Há a espera enraivecida, a espera lamuriosa, a espera quase alegre, na qual acreditamos verdadeiramente que o telefonema ou a revelação irão acontecer em breve. Todos estes estados, claro, sobrepõem-se, confundem-se, sucedem-se e tornam a suceder-se no espaço de minutos. Pela sua brutalidade pura, a espera do telefonema, na minha opinião, toma a precedência, na medida em que pode soar (e soa) a qualquer momento. Penso, não sem considerável apreensão, no futuro prometido quando, graças à fibra óptica nos nossos computadores, pudermos ver e, pior, ser vistos pelo interlocutor obstinado e imaginar como vai ser difícil explicar de forma convincente os olhos inchados, o ressentimento, as montanhas de louça por lavar, em suma, a depressão e a inércia que acompanham a espera.

Haverá algo de bom em tudo isto? Bem, há alguns momentos raros de literatura baseados no martírio. Quase no final de *À Espera de Godot*, há uma maravilhosa troca de opiniões entre as duas personagens:

“- Ele não veio?”

“- Não.”

“- Agora é tarde demais.”

“- Sim, agora é noite.”

E há também hordas de heroínas de ficção – estou a pensar, neste momento, nas de Patrick White e Karen Blixen, no interior selvagem, esperando a chegada do prometido, e há também uma cena no livro de Zola, *Nana*, que, na minha opinião, ultrapassa todas as outras na sua descrição dessa doença. Um conde conquistador, que suspeita do adultério da sua esposa, aguarda junto à janela da casa do amante, às duas horas da madrugada, vigiando o quarto, um quarto que ele em tempos já visitara e do qual conhece todos os detalhes: a mobília, as tapeçarias, o jarro de água, etc. Com que tensão Zola descreve a cena – o homem que espera o aparecimento de uma sombra pensa no casal na cama, determinado a, ao aparecimento da primeira pista, tocar à campainha, subir as escadas apesar dos protestos do porteiro, derrubar a porta e estrangulá-los. Depois, no seu devaneio, vê uma silhueta ganhar vida no quarto mal iluminado e questiona-se se será o pescoço da sua esposa ou um outro pescoço, ligeiramente mais grosso, mas não consegue decidir-se. Outra vez a escuridão. Duas da manhã, três da manhã, quatro da manhã e adivinhem o que acontece. No final, fica cansado e decide ir para casa dormir um bocado e, na verdade, perde o momento da confirmação, que tão dolorosa e ardentemente tinha desejado. Nós, mortais, cansamo-nos das nossas vigílias, contrariamente aos animais que esperam da forma mais concentrada e flexível até apanharem a sua presa. Parecem imperturbáveis, provavelmente porque sabem que vão ser bem sucedidos, e aí reside o segredo da doença ou da não-doença da espera – a espera que se fundamenta na esperança e a espera que se fundamenta no desespero.

As mulheres esperam mais do que os homens? Penso que as mulheres esperam mais pelos homens do que os homens esperam pelas mulheres e isto apesar dos mandamentos daquelas que pensam que se pode suprimir os instintos com declarações. Não se pode. Aprendemos algumas coisas enquanto vivemos, mas não aprendemos a amar, a odiar ou a discutir de forma muito diferente. Os homens esperam, também: eles esperam pela promoção, esperam pela investida final, esperam pelo prémio e basta observar os farsantes no Parlamento ou no Senado para ver com que lascívia cada um espera o momento de levantar-se e desferir um ataque que irá aniquilar o seu opositor. Muito frequentemente, creio que isto tem um carácter ainda mais apaixonado do que o princípio que está em debate. Os homens também esperam pelas mulheres,

desde que tenham decidido que esta é que é a mulher certa, mas esperam mais activamente e, assim, os pequenos átomos do medo são facilmente difundidos e atirados para todos os lados de modo a espalharem-se. A actividade alegre sempre a espera, mas actualmente, com um “beeper” a ligar-nos aos nossos domicílios, podemos, em qualquer restaurante ou ginásio, quando a saudade ataca, ligar o nosso próprio número para descobrir se a nossa prece foi ou não ouvida.

A prece é, em si mesma, uma espécie de espera, fortificada com uma centelha de fé – ou será de esperança? Para aqueles que rezam ou entoam cânticos com grande perseverança, há a hipótese de que a sua espera tenha sido convertida em propósito.

Claro que não esperamos apenas pelo amor. Esperamos por dinheiro, esperamos que o tempo fique mais quente, mais frio, esperamos que o canalizador venha arranjar a máquina de lavar (e ele não vem), esperamos que uma amiga nos dê o nome de outro canalizador (e ela não dá), esperamos que o nosso cabelo cresça, esperamos pelos nossos filhos frente à escola, esperamos pelos resultados dos seus exames, esperamos pela carta que irá desfazer toda a desolação, esperamos pelo Domingo, quando dormimos até mais tarde ou comemos uma torrada extra, esperamos que o açafraão floresça, depois os narcisos, esperamos que o amigo perdido telefone ou escreva e diga “Perdoei-te”, esperamos que os nossos pais nos amem, mesmo que já estejam mortos há muitos anos, esperamos pelo resultado deste ou daquele exame médico, esperamos que a dor no ombro passe, esperamos por aquele sentimento de excitação que desapareceu mas não está ainda totalmente extinto, esperamos pelo romance que nos cativa tanto como quando lemos pela primeira vez *Jane Eyre* ou *Guerra e Paz*, esperamos pelo convite para o campo e, muitas vezes, quando lá estamos, esperamos pelo autocarro ou pelo carro que nos trará novamente para casa, na cidade, e para as nossas coisas, as nossas cadeiras, a nossa cama, os nossos hábitos. Esperamos pelas festas que em tempos demos e que, de certa maneira, tinham um brilho que falta totalmente às festas que agora damos. Esperamos (pelo menos eu espero) pelas batatas novas, recusando-me a aceitar que, hoje em dia, há sempre batatas novas, mas as que eu espero são as que foram cavadas a vinte e nove de Junho na Irlanda e que tinham um paladar (ou seria imaginação minha?) diferente de todas as outras. Esperamos por ir dormir e talvez enevoarmo-nos com comprimidos ou com canções tranquilas que nos embalem para longe. Esperamos pelos sonhos, depois esperamos ser arrastados para fora dos sonhos e esperamos pelo

amanhecer, pelo carteiro, pelo chá, pelo café, pelo primeiro toque do telefone, pelo dia que chega.

Esperar por uma bebida no intervalo, num bar de um teatro londrino, é mortificante, pois estou convencida que as senhoras por detrás do balcão são abstmias incondicionais. Esperar numa estação de correios, em qualquer cidade, grande ou pequena, faz-me sentir confusa. Esperar sentada num cabeleireiro é outro cenário imaginado para arruinar qualquer sinal de beleza ou de boas maneiras e, se os cabeleireiros forem realmente bons, tendem a cultivar o *suspense*. Quantas vezes já nos sentamos numa poltrona, juntamente com outras vítimas silenciosamente enraivecidas, enquanto o cabeleireiro hesita sobre uma longa cabeleira como se estivesse a ler a sua aura?

Enquanto dentro de casa a espera tem um toque de masoquismo, fora de casa ganha um espírito marcial. Na rua, juntamo-nos ao exército de pessoas à espera de atravessar a rua ou de não atravessar a rua, de apanhar o autocarro, de espetar um mortal buliçoso com o ferrão de um guarda-chuva! A espera por um táxi mostra-nos num magnífico estilo pugilístico. Em Nova Iorque, numa noite recente, esperei e tornei a esperar – naquela hora morta entre as cinco e as seis horas – e, finalmente, avistei um táxi livre e mandei-o parar, apenas para encontrar lá dentro três cavalheiros que tinham entrado pela outra porta, proclamando que haviam chegado primeiro, recusando-se a sair, lançando-me, pelo menos pareceu-me, ameaçadores olhares gauleses – eram espanhóis – enquanto o motorista, com uma combinação vexatória de *ennui* e insolência, perguntava onde queríamos que nos levasse. Recusei-me a abandonar o táxi, eles recusaram-se e, enquanto partíamos sem um destino definido, ocorreu-me que este perigo relativo era para mim, de certa forma, preferível a ter de sair e esperar, uma vez mais, na rua.

A lógica e a espera, pelo menos para as nossas sensibilidades ocidentais, não são boas companheiras. Correu tudo pelo melhor, deixaram-me na East Sixty-fourth Street, recusaram o meu dinheiro e até sugeriram uma bebida mais tarde.

Esperar por um táxi é completamente diferente de esperar por um amigo e, como todos sabemos, há certos amigos que chegam sempre tarde, porque não conseguem evitá-lo ou porque estão muito ocupados ou porque o tempo não é um factor que lhes interesse. Interrogamo-nos sobre o que verdadeiramente interessa. Eu costumava suportá-lo, mas já não sou capaz. Dez minutos e sinto a implosão, vinte minutos e acontece uma explosão. Pensamos nas coisas que podíamos fazer. Tricot. Crochet. Não se pode fazer tricot nem

crochet na rua. Tai-chi. Só que eu não aprendi tai-chi. Memorizar um poema ou um trecho de Shakespeare. Mas eu não trouxe Shakespeare comigo. Não. A exasperação aumenta e, no momento em que o amigo chega, a sombra latente de cada erro liberta-se e uma noite agradável fica arruinada.

Pode ser da minha raça ou do meu ofício ou pode ser ainda da minha infância, mas ocorre-me que os escritores são piores na espera do que os outros seres. Em jeito de aparte, penso que os pescadores são melhores. Vemo-los nas margens dos rios, empoleirados nos seus banquinhos, cana e linha aparentemente imóveis na água, com o sentido contemplativo das vacas a ruminar. Tal não fazem os escritores que, com os seus diários, confissões e ensaios sobre as suas neuroses, têm menos aptidão para isso do que os outros, o que parece uma contradição, pois escrever e reescrever requer uma paciência infinita. Penso que, ao contrário dos actores, neurocirurgiões ou domadores, os escritores nunca se sentem realmente importantes. O livro está acabado, é enviado, o dia do lançamento é daí a nove meses e, no dia do lançamento, receber-se-á ou não um telegrama ou um ramo de flores. As críticas insinuam-se, mas não há uma ligação palpável entre quem faz e aquilo que é feito. Nesse sentido, o escritor é uma espécie de exilado perpétuo de si próprio.

Para me treinar na arte da espera, às vezes, penso em situações insuportáveis – penso nas pessoas na prisão que têm de preencher as horas, penso nas pessoas nos hospitais ou nos asilos. Penso na freira portuguesa a escrever as suas cartas, ou naquela outra freira, Heloisa que, após a castração do seu amante Abelardo, foi para um convento onde ainda esperava o seu regresso, e penso na última imperatriz da China, descrita por Sterling Seagrave em *Dragon Lady*, que foi escolhida muito jovem para concubina, ficou viúva também muito jovem, passando o resto da sua vida entre os muros da Cidade Proibida, começando os dias com a *toilette*, sendo depois vestida, flores colocadas nos seus cabelos, um pequeno-almoço de papa de aveia e folhas de lótus, a chegada de cestos de presentes e de rolos de seda enviados por cortesãos e, depois, brincando com os cães, cortando folhas de erva em forma de coelhos ou pássaros, cuidando das suas flores, com um eunuco a ler-lhe talvez um pouco de História ou de Ciência, jogando um jogo de tabuleiro ou pintando em seda, fazendo refeições ligeiras, iguarias em pratinhos que ela geralmente recusava e, pensando nisso, agradeço à minha boa estrela por ter nascido no oeste da Irlanda, num clima de relativa austeridade, e não na China imperial.

Isto faz-me pensar no valor ou na futilidade da espera e creio que se deve distinguir entre os dois. Esperar pelo telefonema, esperar pelo milagre – ambos parecem ser simultaneamente esmagadores e ridículos, porque todos sabemos que as coisas não acontecem quando esperamos muito afincadamente. Acontecem quando menos o esperamos. No entanto, existe uma espécie de espera que é fértil e que chamou a minha atenção através de uma peça escrita por Václav Havel, que se intitulava *Plantando, Regando e Esperando*. Falava da sua própria impaciência enquanto presidente da Checoslováquia. Quisera atingir algo visível e tangível e foi-lhe difícil resignar-se à ideia de que a política, tal como a História, é um processo emergente. Estava a sucumbir a um determinado tipo de impaciência, pensando que sozinho poderia encontrar uma solução para o problema. Pensou conseguiu-lo, mas verificou com paciência forçada que o mundo e a História são regidos por um tempo próprio, tal como as nossas vidas, no qual podemos intervir num gesto criativo, sem nunca atingir o controlo absoluto. A passagem termina com a bela imagem da acção de plantar, de enterrar a semente, de regar a terra e de dar à planta o tempo que lhe é vital. Não se pode enganar uma planta, tal como não se pode enganar a História, foi desta maneira que ele formulou o problema. Penso que isto é verdade para nós próprios. Não podemos forçar os corações ou as mentes dos outros nem obrigá-los a fazer o que queremos no preciso momento em que o queremos. Só podemos esperar e, talvez como a freira portuguesa, converter as nossas tribulações em prosa perene.

*Trad. de Ana Isabel Silva Pereira<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Antiga aluna do Curso Bietápico em Línguas e Secretariado – Ramo de Tradução Especializada.